

São Paulo, 04 de outubro de 2007.

NOTA À IMPRENSA

Cesta básica sobe menos

Em setembro, o custo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade caiu em duas das 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica: João Pessoa (-4,36%) e Recife (-2,75%). As demais regiões pesquisadas tiveram, de maneira geral, aumentos menores que em agosto, quando em sete localidades a alta superou 5,0%. Os maiores aumentos foram apurados em Fortaleza (4,39%), Vitória (4,29%) e Aracaju (4,20%).

Apesar de ter registrado a menor elevação (0,19%) dentre as 14 localidades onde o custo da cesta subiu, Porto Alegre continuou a ter o maior valor para os produtos essenciais (R\$ 206,78). São Paulo (R\$ 194,34), Rio de Janeiro (R\$ 187,95) e Florianópolis (R\$ 184,95) vieram a seguir. As cestas com menor preço foram encontradas em João Pessoa (R\$ 144,64), Recife (R\$ 145,15) e Fortaleza (R\$ 147,75).

Com base no valor apurado para a cesta em Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em setembro, este salário deveria corresponder a **R\$ 1.737,16**, ou 4,57 vezes o mínimo em vigor, um valor pouco acima do apurado para agosto, que equivalia a R\$ 1.733,88, 4,56 vezes o mínimo vigente, de R\$ 380,00.

Variações acumuladas

Nos nove primeiros meses deste ano, todas as 16 capitais acumulam alta no custo dos produtos alimentícios de primeira necessidade. As elevações mais significativas ocorreram em Natal (15,85%), Aracaju (14,20%), e Vitória (13,77%). Os menores

aumentos foram verificados em Brasília (2,75%), Goiânia (4,49%), Curitiba (5,14%), Belo Horizonte (5,29%) e Belém (5,36%).

Em 12 meses – de outubro de 2006 a setembro último – da mesma forma que no período de um ano encerrado em agosto, houve alta em todas as capitais, sempre com aumentos que superaram a correção realizada para o salário mínimo este ano (8,57%). Somente em Brasília a alta apurada no custo da cesta (8,75%) aproxima-se do reajuste concedido ao piso, em abril último. As elevações mais expressivas ocorreram em Natal (25,48%), Vitória (20,13%) e Aracaju (19,93%).

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Setembro 2007

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
Fortaleza	4,39	147,75	42,10	85h 32min	11,16	17,12
Vitória	4,29	179,95	51,28	104h 11min	13,77	20,13
Aracaju	4,20	157,15	44,78	90h 59min	14,20	19,93
Rio de Janeiro	3,19	187,95	53,56	108h 49min	9,66	15,07
Belo Horizonte	2,84	180,57	51,45	104h 32min	5,29	12,04
Belém	2,44	165,59	47,19	95h 52min	5,36	14,44
Florianópolis	2,39	184,95	52,70	107h 05min	9,70	12,25
Goiânia	2,24	159,28	45,39	92h 13min	4,49	13,40
Curitiba	1,34	176,62	50,33	102h 15min	5,14	11,53
Salvador	0,77	148,06	42,19	85h 43min	9,83	9,54
São Paulo	0,67	194,34	55,38	112h 31min	6,75	12,92
Natal	0,29	163,03	46,46	94h 23min	15,85	25,48
Brasília	0,20	176,57	50,31	102h 13min	2,75	8,75
Porto Alegre	0,19	206,78	58,92	119h 43min	11,03	16,38
Recife	-2,75	145,15	41,36	84h 02min	9,85	10,25
João Pessoa	-4,36	144,64	41,22	83h 44min	8,04	9,39

Fonte: DIEESE

Jornada de trabalho

Com a predominância de aumento no custo da cesta básica, o tempo de trabalho necessário para a aquisição dos gêneros essenciais também cresceu. Assim, o trabalhador que ganha salário mínimo teve que cumprir, em setembro, na média das 16 capitais, uma

jornada de 98 horas e 22 minutos, ligeiramente superior à exigida em agosto, de 97 horas e 00 minuto para realizar a mesma compra. Em setembro de 2006, o comprometimento era de 93 horas e 32 minutos.

Quando se considera o percentual do salário mínimo líquido comprometido com a aquisição - após o desconto da parcela referente à Previdência Social - verifica-se que, em setembro, 48,41% do total recebido eram empregados na compra dos mesmos itens que no mês anterior exigiam 47,74%. Em setembro do ano passado eram necessários 46,04%.

Comportamento dos preços

Em setembro, o DIEESE voltou a apurar a ocorrência de pressão altista dos alimentos básicos, com elevação dos preços de vários produtos, na maioria das capitais. No entanto, o ritmo do aumento reduziu-se.

O óleo de soja teve alta, em setembro, em todas as 16 capitais. Belo Horizonte (7,24%), Goiânia (7,11%) e Porto Alegre (5,20%) apresentaram as maiores taxas, enquanto no Rio de Janeiro e Belém, a elevação foi de 0,84%, em ambas.

O preço do arroz subiu em 15 localidades, especialmente em Florianópolis (10,74%), Rio de Janeiro (9,34%), São Paulo (6,99%) e Belo Horizonte (6,80%). Porto Alegre (0,75%) e Belém (0,59%) registraram variações inferiores a 1,00%, e em Recife houve estabilidade.

Carne e pão tiveram alta em 13 cidades. No caso da carne, produto de maior peso na cesta básica, as maiores taxas foram apuradas em Aracaju (10,63%), Belo Horizonte (8,72%) e Rio de Janeiro (6,05%). Houve estabilidade em Fortaleza e queda em Porto Alegre (-0,71%) e João Pessoa (-0,72%). No caso do pão, as maiores altas ocorreram em Fortaleza (7,17%), Rio de Janeiro (3,14%) e Salvador (3,10%). O preço não se alterou em João Pessoa e as reduções foram observadas em Curitiba (-0,23%) e Brasília (-0,86%).

Leite e feijão tiveram alta em 12 capitais. As maiores taxas para o leite foram apuradas no Nordeste: Natal (5,59%), Salvador (4,81%), Fortaleza (4,79%) e Recife (4,03%). No Rio de Janeiro, o preço do leite se manteve estável, enquanto quedas foram verificadas em João Pessoa (-0,65%), Florianópolis (-0,73%) e Porto Alegre (-1,98%). Com relação ao feijão, fortes altas ocorreram em Florianópolis (17,98%), Vitória (15,85%),

Salvador (11,32%) e Rio de Janeiro (10,20%), e em Curitiba não houve alteração. Taxas negativas foram registradas em João Pessoa (-0,96%), Brasília (-1,90%) e Recife (-1,97%).

Em dez localidades o preço do café subiu em setembro, com destaque para Florianópolis (5,39%) e Belo Horizonte (2,20%). Os preços permaneceram estáveis em Goiânia e Recife e tiveram queda em João Pessoa (-0,41%), São Paulo (-0,91%), Porto Alegre (-2,84%) e Curitiba (-5,49%).

Apenas dois produtos destacaram-se pelo predomínio de recuo de preço: o açúcar, que teve queda em 13 capitais, com destaque para Aracaju (-6,58%) e Brasília (-6,49%); e a batata, pesquisada em nove cidades do Centro-Sul, e com retração em sete delas, principalmente em Porto Alegre (-21,88%).

Variação anual

Assim como ocorreu com a variação mensal, o comportamento anual dos preços dos gêneros de primeira necessidade também indicou alta generalizada, com um único item, o açúcar, com o preço em queda em 15 cidades. As maiores retrações foram apuradas em Goiânia (-46,32%) e João Pessoa (-43,78%) e apenas em Aracaju foi constatada alta (5,45%). Este comportamento deve-se ao período de safra da cana-de-açúcar e a uma produção superior à do ano passado, que permite a redução do preço.

Quatro produtos registraram aumento em todas as 16 capitais pesquisadas: leite, café, tomate e óleo de soja, todos eles itens que já apresentavam este desempenho nos 12 meses encerrados em agosto, quando o mesmo ocorria com o pão.

O crescimento do preço do leite teve – no período anual encerrado em setembro – variações anuais e semelhantes às apuradas em agosto. O aumento variou de 11,39%, em Belém a 49,02%, em Porto Alegre. O período de entressafra, agravado por forte seca nas principais regiões produtoras reduziram a oferta.

A variação de preço apurada para o café situou-se entre 10,31%, em Aracaju, a 27,97%, em Porto Alegre. A seca e o forte calor vêm prejudicando a florada dos cafeeiros, com grande probabilidade de queda na produção da próxima safra. Isto é um fator de pressão altista no mercado internacional e, conseqüentemente, no mercado interno.

O tomate, apesar de ainda manter variações significativas na comparação anual, apresentou moderação em setembro, com queda em metade das cidades. Mesmo assim, na comparação com setembro de 2006, as elevações situaram-se entre 12,11%, em Belém a 121,51%, em Natal. O principal fator de aumento é o clima, com forte seca.

O aumento ocorrido no óleo de soja, em um ano, variou de 12,17%, em Salvador a 33,14%, em Fortaleza. A forte demanda internacional da soja e conseqüente elevação de preço, rebate no mercado interno, provocando forte aumento do óleo.

Carne bovina, pão e feijão apresentaram alta em 15 localidades. Os maiores aumentos da carne ocorreram em Belém (29,65%) e Porto Alegre (20,13%). A menor alta verificou-se em Belo Horizonte (0,69%) e houve recuo em Recife (-0,25%). O fator climático, que vem reduzindo as pastagens, juntou-se ao crescimento das exportações como motivo determinante para a elevação do preço interno do produto.

A alta no preço do pão deriva da redução da produção do trigo no país e da conseqüente necessidade de maior importação de um produto cujo preço vem se mantendo elevado apesar da valorização do real. Natal (26,60%), Belém (15,77%) e Rio de Janeiro (14,76%) registraram as maiores elevações. Em Goiânia verificou-se a menor alta (0,95%) e houve retração em Porto Alegre (-3,29%). O mesmo motivo justifica a alta da farinha de trigo em todas as nove capitais onde seu preço é acompanhado, com variações entre 8,71%, em Florianópolis a 34,36%, no Rio de Janeiro.

Outro produto bastante afetado pelo fator climático foi o feijão. As maiores elevações ocorreram em Belo Horizonte (46,09%) e São Paulo (38,99%). Houve queda em Brasília (-10,09%).

Com relação ao arroz, cujo preço subiu em 14 capitais, os destaques verificaram-se em Florianópolis (25,95%), Belém (11,82%), São Paulo (11,68%) e Belo Horizonte (11,35%). O produto ficou mais barato em Fortaleza (-2,61%) e Aracaju (-5,71%). A falta de chuva em grande área do país e as inundações no sul impedem o plantio dos grãos que deveria ter começado em setembro. Este atraso pode resultar em elevações não apenas para o arroz, mas para o feijão e o trigo.

Finalmente, a batata teve alta nas capitais do Centro-Sul, com taxas expressivas. Seu aumento variou de 17,92%, em Porto Alegre, até 48,81%, em Curitiba.

São Paulo

A cesta básica apresentou, em setembro, variação de 0,67%, bem inferior à registrada em agosto (3,24%). Com esta elevação, seu custo atingiu R\$ 194,34, mantendo-se como a segunda mais cara dentre as 16 localidades pesquisadas pelo DIEESE. Neste ano, o aumento chega a 6,75%, enquanto em 12 meses corresponde a 12,92%.

Em setembro, quatro dos 13 itens que compõem a cesta básica do paulistano apresentaram recuo em seus preços: batata (-7,10%), açúcar refinado (-4,00%), tomate (-3,33%) e café em pó (-0,91%). Todos os outros nove produtos subiram: arroz agulhinha tipo 2 (6,99%), feijão cariocinha (6,05%), banana nanica (3,53%), óleo de soja (2,83%), farinha de trigo (2,30%), pão francês (1,40%), carne bovina de primeira (0,82%), leite *in natura* tipo C (0,51%) e manteiga (0,24%).

Na comparação com setembro de 2006, apenas o açúcar teve queda (-25,93%) e houve estabilidade no preço da banana. Para os demais, alguns aumentos foram muito significativos: feijão (38,99%), batata (27,43%), leite (26,84%), tomate (24,54%), óleo de soja (19,13%), farinha (18,67%), café (18,66%), arroz (11,68%), e carne (10,65%), enquanto manteiga (8,68%), banana (5,65%) e pão (3,04%) apresentaram altas mais contidas.

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, em setembro, uma jornada de 112h e 31 minutos, pouca coisa superior à registrada em agosto (111 horas e 46 minutos) para adquirir os bens alimentícios essenciais. Em setembro de 2006, a compra dos mesmos itens exigia a realização de 108 horas e 11 minutos.

Na comparação entre o custo da cesta e o valor do salário mínimo líquido (após desconto da parcela da Previdência), também se verifica a mesma correlação. Em setembro, a compra da cesta básica comprometia 55,38%, ao passo que em agosto eram exigidos 55,01%, do valor recebido. Em setembro de 2006, o percentual comprometido correspondia a 53,48%.